



III ANIVERSÁRIO DO NEABI: ENTREVISTA COM NOINHA DO JONGO

Maria Stella de Freitas Tó da Silva¹
NEABI, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

Resumo: Geneci Maria da Penha, conhecida como Noinha do Jongo, foi homenageada no III Aniversário do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Nascida em 1944, a importante figura do Jongo na região Norte e Noroeste Fluminense, lançou uma autobiografia em 2010, a qual articula-se entre sua trajetória de vida e a história do Jongo em sua cidade natal. No ano de 2011, o Jongo de Noinha foi reconhecido como Patrimônio Imaterial de Campos dos Goytacazes pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Quatro anos após o reconhecimento, em 2015, o Neabi propôs apresentar à comunidade acadêmica, estudos e práticas da manifestação cultural, que resiste há séculos em Campos dos Goytacazes e região.

Palavras-chave: jongo; homenagem; história; memória; cultura.

III NEABI ANNIVERSARY: INTERVIEW WITH NOINHA DO JONGO

Abstract: Geneci Maria da Penha, known as Noinha do Jongo, was honored at the 3rd Anniversary of the Nucleus of Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI) of the Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Born in 1944, the important figure of Jongo in the North and Northwest Fluminense region, released an autobiography in 2010, which articulates his life trajectory and the history of Jongo in his hometown. In 2011, Jongo de Noinha was recognized as Intangible Heritage of Campos dos Goytacazes by the National Artistic Heritage Institute (IPHAN). Four years after the recognition, in 2015, Neabi proposed to present to the academic community, studies and practices of cultural manifestation, which has resisted for centuries in Campos dos Goytacazes and region.

Keywords: jongo; tribute; story; memory; culture

III ANIVERSARIO DE NEABI: ENTREVISTA CON NOINHA DO JONGO

¹ Jornalista, graduada em Comunicação Social (Fafic/ Centro Universitário Fluminense), membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/Uenf). E-mail: stellatofreitas@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5297-6799>



Resumen: Geneci Maria da Penha, conocida como Noinha do Jongo, fue honrada en el III Aniversario del Centro de Estudios Afrobrasileños e Indígenas (NEABI) de la Universidad Estatal del Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Nacida en 1944, la figura importante de Jongo en la región fluminense del norte y noroeste, publicó una autobiografía en 2010, que se articula entre su trayectoria de vida y la historia de Jongo en su ciudad natal. En 2011, Jongo de Noinha fue reconocido como Patrimonio Inmaterial de Campos dos Goytacazes por el Instituto Nacional de Patrimonio Histórico (IPHAN). Cuatro años después del reconocimiento, en 2015, el Neabi propuso presentar a la comunidad académica, estudios y prácticas de manifestación cultural, que ha perdurado durante siglos en Campos dos Goytacazes y región.

Palabras clave: jongo; homenaje; historia; memoria; cultura

3ÈME ANNIVERSAIRE DE NEABI : ENTRETIEN AVEC NOINHA DO JONGO

Résumé: Geneci Maria da Penha, connue sous le nom de Noinha do Jongo, a été honorée lors du TROISIÈME anniversaire du Centre d'études afro-brésiliennes et autochtones (NEABI) de l'Université d'État de Fluminense du Nord Darcy Ribeiro (UENF). Né en 1944, la figure importante de Jongo dans la région de fluminense du nord et du nord-ouest, a publié une autobiographie en 2010, qui articule entre sa trajectoire de vie et l'histoire de Jongo dans sa ville natale. En 2011, Jongo de Noinha a été reconnu comme patrimoine immatériel de Campos dos Goytacazes par l'Institut national du patrimoine historique (IPHAN). Quatre ans après la reconnaissance, en 2015, le Neabi a proposé de présenter à la communauté universitaire, des études et des pratiques de manifestation culturelle, qui a perduré pendant des siècles à Campos dos Goytacazes et dans la région.

Mots-clés: jongo; hommage; l'histoire; mémoire; culture

INTRODUÇÃO

Corroborando como informa Penha (2010), na região sudeste, o Jongo é uma identidade cultural cujos seus cantos resgatam memórias e apontam mazelas atuais. As reuniões aconteciam em grupos familiares e de amigos, geralmente em ocasiões especiais e após celebração de cultos do candomblé. Os sons ritmados consagram, em simbiose os tambores, danças e cantos aos ancestrais.

Se você quer aprender
E não sabe onde ir
Procure o núcleo de estudos
Que se chama Neabi

Clareth, a Lilian e o Leandro
São braços da Uenf



Com muita propriedade
Se juntam com toda gente

Trabalha o povo do campo
Com o povo da cidade
Se reúne com o Jovem Aprendiz
Junto com a Terceira Idade

Neabi, Neabi
O núcleo se chama Neabi.

GENECI MARIA DA PENHA (NOINHA) E GISELE DA PENA, 2013.

ENTREVISTA COM NOINHA DO JONGO

A senhora fala que o tambor é uma comunicação. E o que o tambor comunica?

Olha, primeiro que o jongo tradicional dava oportunidade, na escravidão e muito depois da abolição, ao negro chorar suas mazelas. Não chorar, chorar, mas chorar levando aqueles sentimentos para os pontos de jongo. Então, o tambor era uma maneira de comunicação. Nos cânticos, eles falavam o que passava nesse período da escravidão e pós a escravidão, na abolição, e o tambor dizia tudo isso, era a oportunidade dele (jongueiro) falar cantando tudo isso. Vou cantar só para você ter uma ideia de um ponto que eles cantavam muito:

25 de dezembro é a festa do senhor, mas no dia 13 de maio que o Preto Velho chorou. Chorou, chorou. Mas chorou, que o Preto Velho chorou.

Só para você ter uma ideia. E o tambor era uma comunicação, era tudo. Uma oportunidade do jongo que eles faziam tudo isso. Cantavam a vida, a vida que eles passaram no cativeiro.

No tempo do cativeiro que o senhor me batia, meu Deus do céu, como a facada doía. Eu chorava, eu chorava, eu chorava, como a facada doía.

E tudo isso era o tambor que dava a oportunidade nas rodas de jongo para eles cantarem tudo isso.



A senhora acredita que foi graças ao jongo que a gente pôde entender melhor como era o processo da escravidão?

Sim. Porque, além dos pontos, o jongo ajudou muito nas fugas, na criação dos quilombos. Quando era permitido o jongo, era mais relaxado o regime da escravidão, eles dançavam nas épocas das festas e então eles traçavam as fugas. Enquanto era relaxado o regime, enquanto eles tinham essa folga nesses dias, muitas fugas foram traçadas, como a capoeira também. Enquanto estavam dançando o jongo, dentro das senzalas, alguns dos negros estavam fazendo as lutas, treinando a capoeira, que a capoeira, então, o senhor não podia nem saber que estava tendo capoeira, porque essa luta, esse jogo, era proibido. Então, o jongo estava lá e eles (escravizados) enrolavam eles (senhores).

Meu avô, os passos dele de jongo, eram bem parecidos com o de capoeira e os cânticos. Eles (escravizados) já estavam preparados, como seria aquela fuga, se era aquela noite, se era aquele dia, se era em tal lua, eles traçavam tudo na época do jongo. Enquanto a vigilância era relaxada, eles traçaram, então foi muito importante.

O Jongo acabou sendo uma tecnologia, uma estratégia...

O jongo foi uma estratégia de sobrevivência. Uma das funções do jongo pra nós também. Jongo é ancestralidade, cultura e resistência.

Como estão os grupos hoje em Campos?

Que eu tenha conhecimento, hoje em Campos, tem meu grupo (Grupo de Jongo Congola), tem o grupo da Neusinha da Hora². Na Baleeira, eles batiam o jongo, mas hoje em dia acho que não fazem mais. Hoje, a gente quase não vê mais. Os mestres antigos foram morrendo e o pessoal que era do grupo não deu continuidade.

Na percepção da senhora, por que tem poucos campistas participando dessa manifestação cultural?

A resistência faltou, não aguentou a perseguição. Eu fazia umas festas aqui, parei de tanto que eu era perseguida. Alguns religiosos, não todos, faziam. Eu resisti com essa



gente. Então, muitos não quiseram. Depois veio, como a maioria das religiões evangélicas, veio com essa luta, porque o problema maior deles, do estudo deles, é lutar contra a religião afro e o jongo, para eles, faz parte disso. A religião afro é demoníaca (para os evangélicos) e muitos com a falta de orientação, muitos filhos dos antigos jongueiros não quiseram continuar, porque não é fácil. E também outros divertimentos eletrônicos também ajudaram isso aí. Hoje estão tentando retornar, mas vamos ver.

Segundo dados da pesquisa Datafolha (2020), a maioria das pessoas evangélicas no Brasil são pessoas negras. E quando vamos a um terreiro, muitas casas têm sua maioria de pessoas brancas. Como a senhora vê essa questão?

Isso é uma verdade. Eles (brancos) colocaram o negro para achar que tudo era inferior, e não é inferior, e se apropriaram da cultura do negro que eles veem que vai dar visibilidade, que no futuro pode até melhorar, ter uma ascensão social, eles pegam aquilo e se apropriam.

A senhora acha que corre o risco de acontecer o mesmo com o Jongo, dessa apropriação cultural?

Eu não duvido no futuro não. Pode ser que não, mas eu não duvido que isso no futuro aconteça. Mas a gente está lutando, até de outros lugares que estão lutando, na região nordeste, sudeste. Mas, eles fizeram até o acarajé de Cristo, capoeira de Cristo. Nós é que temos que ter a visão que eles estão fazendo tudo para se apropriar da nossa cultura e a gente ficar sem visibilidade, mas algumas pessoas não entendem, tem que conseguir conscientizar a massa, e ninguém consegue.

E o que faz a senhora resistir até hoje?

É a ancestralidade. A lembrança da minha avó, minhas avós eram jongueiras, meu avô materno era jongueiro, porque o paterno já era falecido, e aquela luta que minhas avós tinham, porque todas as duas criaram os filhos na lavoura canavieira. Então, eu via muito, sempre ouvia muito elas contando o que passavam, inclusive a minha avó materna, com dez dias pós-parto foi para a lavoura de cana.



Então, quando eu canto meus pontos, eu penso nelas. Que elas lutaram e conseguiram criar os filhos com essa dificuldade toda, nasceram logo após a abolição, a falta de oportunidade e que ainda tinham garra, na luta ainda dançavam jongo. Trabalhavam a semana toda, às vezes folgavam no domingo e tinham garra, não viviam a reclamar, sempre tinham aquele espírito de luta. E minha mãe também, foi uma guerreira.

Essas coisas que me fazem continuar a luta e que eu gosto muito. Tem época que quando eu estou cantando ponto de jongo, eu estou pensando nelas: Libertem-se! E fico pensando nos que estão aí: Libertem-se! Porque tem muita gente que não se libertou ainda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jongo: Choro do Preto Velho, Domínio Público.

Neusimar da Hora - atriz, jogueira e produtora cultural.

PENHA, Geneci Maria. A voz do tambor “Noinha do Jongo”. *Campos dos Goytacazes*, 2010.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 22 de março de 2022.

CULTURA, Mapa de. Noinha do Jongo. Patrimônio Imaterial, Gente. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://mapadecultura.com.br/manchete/noinha-do-jongo#prettyPhoto>. Acesso em: 22 de março de 2022.

Recebido em: 15/04/2022

Aceito em: 20/05/2022